

entre plantas e caminhos livres,  
vamos continuar...

"em nossos jardins se preparam florestas..."  
rené char

Como noticiamos em nossa última *verve*, Peter Lamborn Wilson, inventor de Hakim Bey, morreu no primeiro semestre de 2022. O escritor e poeta antimilitarista abandonou o norte da América durante a guerra do Vietnã, em 1968. Perambulou por uma década no chamado Oriente Médio, conhecendo antigos bandos de poetas nômades e auxiliando na organização do Festival de Artes de Shiraz, no deserto do Irã.

Bey (Wilson) ficou conhecido, em especial, na ultrapassagem dos anos 1980 e 1990, com as publicações de *Zona Autônoma Temporária (TAZ)* e *Caos*. Nesta época, ao retornar aos Estados Unidos, associou-se à Autonomeia, editora responsável pela publicação (sem copyright) de parte dos seus escritos. Menos dedicados a uma possível revolução localizada no futuro e mais preocupados em instigar práticas de ação direta no presente, os diversos ensaios do anarquista mobilizaram interessados na anarquia agora, nos instantes.

Contudo, ainda são pouco conhecidos, ao menos em português, as suas mais recentes reflexões. Uma parte considerável deste

material foi publicada ainda em seus últimos anos de existência, quando se mudou da cidade de Nova York para uma área rural às margens do rio Hudson. Distante da cidade, Wilson dedicou-se a processos artísticos e à produção de textos de combate contemporâneo à política e ao Estado.

Nas duas primeiras décadas dos anos 2000, afastado da agitação da maior cidade dos Estados Unidos, o anarquista se deparou com a presença ainda mais marcante de uma sintaxe erigida por construções como "desenvolvimento sustentável" e "turismo verde", segundo ele, os "cadáveres na boca de corretores imobiliários". "Desenvolvimento sustentável": isso significa casas muito caras para idiotas de Nova York com vaga consciência ecológica (...). Falam de agricultura, reclamam muito, mas não fazem nada pelos agricultores familiares (...). Eles estão perfeitamente felizes em ver as antigas fazendas fecharem e construirem McMansões, desde que sejam 'verdes', é claro, com talvez um pouco de energia solar para que possam se gabar de como estão quase fora do sistema", concluiu em uma entrevista.

Próximo do rio, diante dos avanços da política verde entre democratas por um lado e, de outro, da captura de inúmeros movimentos de resistências pelo engajamento nas plataformas e redes, Wilson não optou por nenhum dos lados. Intensificou a sua perspectiva ludita

(distante de primitivistas e extropianos, como situou) associando-a a um intenso interesse pela relação antiautoritária entre pessoas e animais e plantas.

Em 2004, em "Domestication", curto texto divulgado pelo *Fifth State* sobre Charles Fourier e alguns estudos de antropologia e etnobotânica de meados do século XX, expôs um tanto da atração que o moveu da cidade para o campo. A partir da noção de horticultura valorizada por Fourier, sublinhou a paixão, em vez do corrente conceito de "dominação", como a principal responsável pela aproximação de gente e certas ervas e bichos. Como apontou Wilson, quase um século depois de Fourier, pesquisadores e etnobotânicos como o russo Nikolai Vavilov, preso por Joseph Stalin e morto de inanição na prisão, comprovariam, por outros meios, o pensamento do "socialista utópico".

Em resumo: de acordo com Wilson, algumas teorias etnobotânicas posteriores a Fourier postularam, como ele o fez, que a invenção da horticultura ocorreu com uma espécie de amor livre entre plantas e humanos situados entre o chamado período Mesolítico e o Neolítico inicial. A maioria dos coletores, transumantes, ou seja, mais seminômades do que verdadeiros nômades, à medida que realizavam seu percurso anual e retornavam ao acampamento de verão, descobriam que suas plantas favoritas os tinham seguido. "Plantas que preferem solo

descontínuo prosperam nos acampamentos quando suas sementes são acidentalmente largadas e talvez fertilizadas com fezes e cobertura morta", declarou. Como dois exemplos dessa paixão, Wilson apontou que Vavilov identificou duas plantas espargidas desde a Ásia Central: o cânhamo e a macieira.

Ao lado de Fourier e Piotr Kropotkin, embaralhando um tanto das identificações arqueológicas, Lamborn Wilson, por fim, sugere que a horticultura, amálgama de coleta e caça, é mais ou menos simultânea à denominada Revolução Agrícola, apontada por muitos como uma das origens do Estado. Cita como exemplo os Dyak de Bornéu "que cultivavam inhame e criavam porcos, produzindo um pouco de Caça e Coleta (...) e passavam a maior parte do tempo (quando não caçavam cabeças) em banquetes, fazendo amor e contando longas histórias". A prática da horticultura, portanto, distinta da revolução agrícola, não aboliu e não estranhou práticas antiautoritárias de povos paleolíticos. "Pelo contrário", argumentou: "o Estado não surge entre os jardineiros".

Após ser reconhecido como uma referência para festivais e raves anárquicas, mais velho e acompanhado de várias espécies, Wilson passou a olhar para práticas consideradas arcaicas e vislumbrar nelas menos um saudosismo pacificador e mais um meio de criar outras relações possíveis de resistências,

agora, nos fins sem fim do fim do planeta. Apesar do momento de pessimismo planetário, as primeiras décadas dos anos 2000, atrelado à denominada crise do clima, aos rumos da internet e das revoltas (as primaveras murcharam na ultrapassagem do século XX) e a irrupção de movimentos ultraconservadores, a coexistência com outras formas de vidas animou libertariamente os movimentos do amante sufi.

Direcionando-se aos anarcoprimitivistas indicou uma outra perspectiva, alheia ao catastrofismo paralisante: "um grande problema para a ala primitivista da teoria antiautoritária sempre foi a percepção trágica de que a caça/coleta não parece mais uma economia viável para um globo lotado. Às vezes", prosseguiu, "parece que apenas uma vasta catástrofe ecológica tornaria possível uma 'reversão' generalizada e isso é impensável. Uma transição para a horticultura, no entanto, não parece tão impensável. A permacultura, por exemplo, pode ser vista como uma extensão lógica ou versão atualizada da horticultura inteiramente adequada à organização social antiautoritária. E o radicalismo agrário permanece (pelo menos potencialmente) significativo para um grande número de pessoas envolvidas em economias agrícolas", considerou.

Assim, antecipando em alguns anos à profusão de edições recentes de livros acerca da "revolução das plantas", dos micélios e

cozumelos, o texto de Bey, mesmo que não os cite diretamente, retoma e fortalece a prática de múltiplos indígenas da América do Sul bem como o pensamento singular de tantas e tantos anarquistas desconhecidos, como, por exemplo, os que tinham plantado o amor livre na Colônia Cecília, no Brasil, em 1890.

Amante do caos, lemos em "Domestication" sementes de Fourier, Kropotkin e, porque não, de Ursula Le Guin. Ursula, escritora de ficção científica e ensaísta, concomitante à publicação de *TAZ*, em 1986, já alertava que durante o Paleolítico até a chamada pré-história, "os caçadores de mamutes ocupam espetacularmente as paredes das cavernas e as mentes, mas o que realmente fizemos para nos manter vivos e de barriga cheia foi coletar sementes, raízes, brotos, rebentos, folhas, nozes, bagas, frutos e grãos, além de insetos e moluscos, assim como capturar aves, peixes, ratos, coelhos e outros pequenos animais (...)". Para a escritora, muito próxima dos anarquistas, sobretudo em sua ficção *Os Despossuídos*, entre coletores havia muito tempo para outras coisas, "tanto tempo que, talvez, os inquietos que não tinham um bebê por perto para animar a vida, ou habilidade para construir, cozinhar ou cantar, ou pensamentos muito interessantes para pensar, tenham decidido escapar e caçar mamutes". Todavia, antes das histórias da caça e seus instrumentos, sugere ela, estão

os cestos, as bolsas, as sacolas, as bacias de coletores. O Estado, a guerra, não surgem entre pessoas jardineiras!

Depois de muitas andanças a mudança de Wilson rumo ao Hudson foi uma radicalização da vida, maneira de enunciar um anarquismo próprio. À beira do rio, o anarquista se encontrou, no presente, com uma vitalidade singular que o afastou do que ele mesmo cunhou, na primeira década do milênio, de novo niilismo. Liberando-se dos fins que levam ao fim, experimentando outros meios, lembrando que toda paixão destruidora é também invenção, encerrou: "Como disse o poeta e.e.cummings 'há alguma merda que não vamos aceitar' (...) Vamos continuar. Enquanto ainda existirem alguns pássaros e flores cultive botões de rosa, prazeres únicos. Até o amor pode não ser impossível".

Em outras palavras, as de um outro poeta, René Char, os caminhos de alguns anarquistas, companheiros no jardim, nos aquecem. "Não permitamos que nos roubem a parte da natureza que guardamos. Não percamos dela nem um fio, não cedamos nem um seixo de sua água".

[Publicado como Hypomnemata no. 258, julho de 2022.]